

VIVÊNCIAS E EXPECTATIVAS DE UM JOVEM DO ENSINO MÉDIO NO AMBIENTE ESCOLAR: COMO SER DIFERENTE NUMA JUVENTUDE IGUAL

Fernanda Ferreira Cardoso ¹
Mayris da Paz Lima ²
Renata Ferreira Almeida ³
Rosimeire Reis ⁴

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da disciplina Juventude e Cultura Escolar, ofertado pela Universidade Federal de Alagoas e orientado pela professora Dra. Rosimeire Reis. Nesse sentido, este trabalho visou sistematizar os conhecimentos adquiridos por nós durante o desenvolvimento da disciplina, como também, oferecer vivência mediante o contato com situações reais.

Desse modo, este trabalho tem por objetivo apresentar e analisar resultados de uma pesquisa realizada por meio da entrevista feita com um jovem de 16 anos, cursando o 1º ano do Ensino Médio de uma escola do Município de Cajueiro-AL. Com essa pesquisa, intencionamos questioná-lo sobre a sua relação com o ambiente escolar, sua percepção de mundo e o seu planejamento para o futuro. A pesquisa se insere no âmbito escolar, precisamente em uma das salas de aula cedida pela coordenação pedagógica. A partir da adoção de uma metodologia de pesquisa e entrevista como técnica, a condução da investigação aqui relatada pretende-se: a) Identificar as concepções que o jovem entrevistado apresenta a partir das suas vivências no ambiente escolar; b) contrapor os resultados da entrevista com o jovem e a teoria vista durante a disciplina de Cultura e Juventude Escolar; c) analisar os resultados da análise das concepções do jovem d) organizar os dados coletados.

A escolha do jovem se deu a partir de alguns critérios elencados pelos integrantes do grupo. Dentre eles a idade, mudança de escolas (pública para privada), contexto social que está inserido e pela possível aproximação com algum dos entrevistadores. Nosso entrevistado, como já foi dito, é aluno do 1º ano do ensino médio de uma escola do Município de Cajueiro-AL.

Durante os anos iniciais estudou em escolas da rede pública, no entanto, ao 6º ano dos anos finais do ensino fundamental, devido à violência existente nas escolas públicas desse segmento no município, os pais optaram para transferi-lo para uma escola privada. A partir disso, ele estudou durante quatro anos na mesma escola e nos relatou quais as concepções que desenvolveu a partir das experiências nessas duas realidades.

Além disso, reside em uma área periférica da cidade com seus pais, avó e um irmão. Seus pais são moradores conhecidos da cidade. Seu pai é motorista de ambulância e sua mãe dona de casa.

Diante disso, apresentaremos e discutiremos os principais aspectos apresentados na entrevista. É importante enfatizar que a entrevista ocorrida no dia 06 de agosto de 2019, teve um curto período de duração (15h10min até às 15h19min), pois nosso entrevistado estava em

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, fernandaferreraoffic@gmail.com ;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, mayris_paz@hotmail.com ;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, reepeu@gmail.com ;

⁴ Professora Dr^a Rosimeire Reis: Universidade Federal de Alagoas - UFAL, reisroseufal@gmail.com.

horário de aula e liberado para a nossa conversa. Sobre a entrevista estavam cientes: o jovem, a direção e coordenação pedagógica escolar, além de seus pais e amigos de turma.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Quando se discute métodos é considerado, também, acerca da forma como o mundo é visto na perspectiva da concepção metodológica adotada. Logo, a metodologia pode ser compreendida como reflexão de um caminho de investigação que se inicia na construção de uma pergunta para a pesquisa. Sobre isto Gamboa (2014, p. 43) afirma que, “Toda investigação supõe um corpo teórico, e este deve ter um método que seja apropriado”.

Nosso texto parte de um relato de experiência das ações desenvolvidas na disciplina de Cultura e Juventude Escolar. Desse modo, o presente trabalho apresenta-se como uma pesquisa qualitativa tendo como instrumento de pesquisa a entrevista. Desse modo, os significados das palavras são esclarecidos durante a própria entrevista, o que minimiza as distorções nas respostas. Para os estudiosos da comunicação, a entrevista é um instrumento tradicional e relevante, pois se trata de um processo comunicacional. Nesse sentido, Sousa (2006, p. 378) afirma que

“a principal vantagem da entrevista é "a possibilidade de se obterem informações detalhadas sobre valores, experiências, sentimentos, motivações, ideias, posições e comportamentos, entre outras características dos entrevistados".

Logo, inicialmente foi necessário ter em mãos algumas perguntas para nortear a nossa entrevista, porém, no decorrer das falas do nosso entrevistado, foram surgindo novas perguntas que foram complementado e nos encaminhando para a concretização dos nossos objetivos.

DESENVOLVIMENTO

Diante do objeto de pesquisa aqui apresentado no qual objetiva apresentar e analisar resultados de uma pesquisa realizada por meio da entrevista feita com um jovem de 16 anos, cursando o 1º ano do Ensino Médio de uma escola do Município de Cajueiro-AL, propomos discutir acerca dos conceitos de juventudes e cultura escolar e contrapor com a nossas experiências durante a entrevista.

Diante disso, se faz necessário alencar as categorias que norteiam este trabalho. Nesse sentido, quando se fala em juventudes

o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou padrões, mas sempre tendo-os como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens. Estas culturas, como expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintas.” (DAYRELL, 2007 p.1110)

Ademais, as relações entre juventude e escola, problematiza o lugar que a escola ocupa na socialização da juventude contemporânea. Em consonância, Weisheimer (2013, p. 9) afirma que

a juventude é uma categoria social que passa a se constituir e adquire o sentido atual a partir do advento da modernidade. Deste modo, cabe salientar que as percepções correntes sobre ela são, necessariamente, sociais, culturais e historicamente determinadas. Isto implica reconhecer que, mesmo que já existissem jovens nos períodos históricos anteriores, seus significados, características e papéis sociais eram bastante diversos do que se atribuem recentemente.

Dessa maneira, inserida no âmbito social, independente do período vivenciado, as diversas juventudes farão parte das instituições presentes na sociedade que contituem ou produzem. Nessa perspectiva, compreendemos que parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria, pois “os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo)”. (SILVA, 2006, p. 202)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em consonância com tudo o que já foi discutido na universidade a cerca dos conceitos de juventudes, de escola, de cultura escolar e de aluno como construção social e histórica, este relato de experiência contextualiza análises relacionando-as com relato pessoal do jovem entrevistado. Além disso, apresentará as contribuições que esta experiência proporcionou a todos os envolvidos.

Para efetivarmos nossas análises, primeiramente ligamos e conversamos com o jovem que tínhamos interesse em entrevistá-lo para saber se ele teria disponibilidade e interesse em participar de nossa entrevista. O jovem entrevistado, gentilmente, aceitou nossa proposta e marcou o melhor dia, local e horário. Assim que nos confirmou, fomos à escola, e com o uso de um gravador de áudio, canetas e um caderno com perguntas, começamos a entrevista. Durante este momento, o questionamos:

Entrevistadoras: Você trabalha?

Entrevistado: Não trabalho.

Entrevistadoras: Mas tem vontade de trabalhar e estudar?

Entrevistado: Vontade de trabalhar e estudar, para sei lá... Ter uma renda que seja minha e poder ajudar os meus pais com alguma coisa.

Entrevistadoras: Você sente essa necessidade hoje de ter que trabalhar para ajudar seus pais em casa ou você em casa tem alguma pressão?

Entrevistado: Não, nunca fui pressionado; inclusive, tipo... Os meus pais não gostam de falar sobre isso e tal; ééé... Não me veem ainda para trabalhar. E, eu acho que para ter uma renda para mim sei lá! Comprar o que eu quero fazer as coisas que eu tenho interesse ééé... Trabalhar é a melhor saída.

Entrevistadoras: Você acha que trabalhar seria a melhor saída?

Entrevistado: É, tipo! Para ser um jovem que sei lá... Faz as coisas que quer, não que... Sei lá! Ser independente dos pais, mas ter uma renda que seja para mim. Para ser mais autônomo. (...)

Esses questionamentos surgiram devido à pressão que os jovens da periferia, em boa parte, sofrem para começarem a trabalhar cedo para ajudar na manutenção financeira da casa onde vivem. Nesse sentido, Dayrell (2007, p. 1.108) afirma que

é necessário situar as mutações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades.

Dessa maneira, pode-se dizer que atualmente em nosso país, as relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas. No caso do nosso entrevistado, ele enfatiza que os pais não permitem que ele trabalhe, mas que ao mesmo tempo ele sente a necessidade de também trabalhar para poder comprar e fazer o que quiser. Ele ainda afirma que essa seria a melhor

saída para a sua autonomia. Nosso entrevistado, como bem sabemos, usa os mesmos argumentos e sente a mesma necessidade que milhares de jovens em situação de pobreza vivem em nosso país.

Dando continuidade, o questionamos sobre como ele se sentia enquanto jovem, e como esperávamos, foram surgindo outras perguntas e respostas relacionadas:

Entrevistadoras: Como você se ver enquanto jovem?

Entrevistado: Quanto jovem... Sei lá! Eu sou um jovem, ah sim! Eu gosto de mim, de ser uma pessoa normal. Só que sei lá...

Entrevistadoras: O que seria uma pessoa normal para você?

Entrevistado: Normal para mim, e que faz as obrigações, que ajuda em casa, que faz as coisas na escola, e que passa nas matérias e tal, mas que tem o seu próprio jeito de ser, o jeito de falar, e as suas ideologias. Ah! Sou muito novo ainda para formular o que eu sou, mas sei lá... Eu procuro ter o meu próprio, minha linha de pensamento enquanto jovem, e querer ser um pouco diferente do que eu vejo no dia-a-dia.

Entrevistadoras: Você quer ser diferente. Você quer ser reconhecido como diferente?

Entrevistado: Com certeza! Porque sei lá... Para mim eu vejo a juventude muito “senhora” igual, que quer ser da mesma coisa, que tem os mesmos ídolos, e num sei o quê, é blá blá blá. E para mim, eu não me encaixo esse mutuado de jovem que... Sei lá... (...)

Na fala do jovem, atentamos para a dificuldade que ele teve ao tentar definir como ele se reconhece. De fato, não é algo fácil, pois o conceito que ele tem é o que vem sendo historicamente construído. Um jovem que por ser “normal”, cumpre com suas obrigações, que vai à escola e que estuda para passar nas matérias. No entanto, ele evidencia que se sente diferente uma vez que tem sua individualidade e ideologias, por conta disso, ele se diz não encaixar nos “mutuados” de jovens. Em consonância, Weisheimer (2013, p. 22) diz que “os jovens tendem a perceber a juventude como um tempo de relativa liberdade de escolhas e experimentação, de vivência do presente mais plenamente possível, e com importância em si mesmo”.

Em seguida, o entrevistado, de maneira atenciosa e segura, respondeu-nos como é o seu cotidiano dentro do ambiente escolar. Deixou claro que as funções aderidas a ele e seus colegas vai além do assistir aula.

Entrevistadoras: O que você faz no cotidiano dentro da escola?

Entrevistado: Dentro da escola eu tento ajudar os meus professores, a coordenação...

Entrevistadoras: Em que sentido?

Entrevistado: No sentido de colaborar para uma matéria, colaborar para a escola como instituição, e dá a minha contribuição quando tem projeto. Eu fico para ajudar e faço as coisas e no próprio projeto, dá as ideias sentar com os professores e tal, para discutir sobre o que vai acontecer na escola, sobre como a escola está lidando com os alunos. Expor minha opinião sobre a escola...

Entrevistadoras: Você sente que aqui você tem abertura para expor o que você pensa e as suas convicções?

Entrevistado: Desde que eu cheguei à escola, sei lá... Os professores me ajudaram muito nessa de ter a minha voz, de poder colaborar e participar da escola. Tive incentivo de alguns professores que me fizeram ter a minha própria linha de pensamento sem ter aquele cara lá que eu assisto vídeo no YouTube e tenho as minhas ideias. Leio algumas coisas e vou pegando e formulando o que eu quero. E, sempre na escola os professores me ajudam a expor isso nos assuntos que envolvem o que eu gosto. (...)

Entrevistadoras: Por que é algo que você gosta, e não uma obrigação?

Entrevistado: É! Tipo, você expressar, ajudar... Porque, tipo, quando tem projeto e tem a minha contribuição naquilo e eu ver aquilo, à noite... Os pais estão aí, vendo tudo... Acham tudo lindo... E no fundo, euuuuu... Sinto que participei daquilo alí! E isso é gratificante para mim. E, tipo, nos projetos, se tem um que tem uma contribuição ou

uma ideia minha, e algo nesse tipo. Tipo e dá certo... Aí tipo, eu fico muito feliz. Tipo... Foi eu, né?!

Logo, para ele, ser envolvido no processo de desenvolvimento e concretização dos projetos que a escola desenvolve, ajuda-o a ter voz ativa e no despertar da criticidade. Além disso, ele afirma que os professores têm um papel fundamental nesse processo que, cotidianamente, se efetiva por meio dos conteúdos, incentivo, colaboração e participação. Nessa perspectiva, reconhecemos a importância que tem o diálogo, pois

pressupõe a interação entre sujeitos em um espaço compartilhado no qual cada um expresse seus pontos de vista, reconheça a existência de outras perspectivas de análise para os mesmos assuntos e tenha predisposição para refletir sobre o que o outro pensa. (REIS, 2012, p. 640)

Ainda, questionado sobre a relação que ele tem com a escola e com os colegas, o entrevistado enfatiza a pressão que se tem diariamente sobre várias atividades e a importância que a amizade no cotidiano dentro do espaço escolar:

Entrevistadoras: Como você se sente em relação à escola e aos seus colegas? Como você se sente?

Entrevistado: Eu acho que a escola, principalmente no ensino médio, tem uma pressão muito grande nos alunos e, dentre os meus colegas, eu acho que eu me saí até bem, porque sumo bem com a pressão do dia a dia, dos professores e trago trabalhos diários, provas, tem semana que tem duas provas por dia, e..., eu acho que eu e os meus colegas, conseguimos lidar bem com isso, com a pressão, com os professores exigindo.

Entrevistadoras: Mas você acha que ter um ciclo de amizade em relação à amizade... Camaradagem... Ela, "a escola" ajuda nesse processo?

Entrevistado: Claro! Porque, sei lá! Quando você faz, é um... Você vai fazer os trabalhos... Se você... Você está discutindo na sala... E para acrescentar o que o professor falou, e você está discutindo e fazendo com as pessoas que você gosta, é bem melhor do que fazer com pessoas que você não tem uma aproximação e os meus colegas que eu já estudo há anos. É, tipo, já tem uma identificação, um já olha para o outro e já sabe o pensamento, um já sabe o que um faz, se está gostando do assunto, se não está, se está entendendo, se não está, e, tipo, um ajuda o outro para no final todo mundo passar, todo mundo entender o assunto e poder digerir melhor.

Ao observar a fala do nosso jovem entrevistado, é possível perceber a importância que tem o princípio da amizade para a superação dos desafios diários. Além do diálogo e do companheirismo que os ajudam a “passar” nas disciplinas, certamente, eles compartilham momentos próprios da fase da adolescência que vão além dos muros da escola. Logo, os jovens “criam momentos próprios de socialização baseada nas relações de amizade, nos espaços intersticiais fora e dentro das instituições, inclusive na própria escola, onde trocam informações e produzem aprendizagens.” (DAYRELL, 2007, p. 1116)

Para mais, questionado sobre os conflitos que poderiam em algum momento ter surgido entre ele e os professores, nos respondeu:

Entrevistadoras: mas em algum momento você já se sentiu prejudicado por algum professor?

Entrevistado: não, eu nunca tive problema do professor querer me colocar para trás ou oprimir algum pensamento.

Entrevistadoras: a opinião do professor sendo diferente da sua gerou conflitos, mal estar na sala de aula?

Entrevistado: debate sempre vai ter dentro... Porque são opiniões diferentes e eu acho que a sala de aula também é um lugar de debate, também um lugar de você expor suas ideias. Sendo ela... Sei lá! Sendo ela mais aceitável pra sociedade ou não.

Surpreendentemente, ele em sala de aula, convive bem com as várias opiniões e nunca entrou em conflito com os professores. Para ele, a sala de aula é um lugar de debate e de exposição de ideias. Além do mais, os professores que estiveram com ele durante a sua vida escolar, nunca o oprimiram ou faltaram com respeito com relação a sua opinião. No entanto, Daryell (2007, p.1121) ao falar sobre os conflitos, ele enfatiza que na sala de aula

ocorre uma complexa trama de relações de alianças e conflitos entre alunos e professores, com imposições de normas e estratégias individuais e coletivas de transgressão. Nesse cotidiano, o jovem aluno vivencia a ambiguidade entre seguir as regras escolares e cumprir as demandas exigidas pelos docentes, orientadas pela visão do “bom aluno” (...). Essa tensão revela a busca do jovem em integrar-se ao sistema e, ao mesmo tempo, afirmar a sua individualidade, como sujeito, utilizando as mais variadas estratégias.

Por fim, terminamos a nossa entrevista indagando-o sobre a importância, a preparação e o incentivo que a escola faz sobre o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Ademais, também sentimos a necessidade de perguntar-lhe sobre o que espera para a futura graduação, quais os seus planos... E sem dúvidas, nosso jovem nos encantou com sua fala.

Entrevistadoras: e sobre o ENEM, vocês são preparados? Você acha que a escola que você está, você é preparado para fazer o ENEM?

Entrevistado: pelo que eu vejo dos outros alunos do ensino médio em outras escolas, eu acho que eu tô no caminho pra poder fazer o ENEM. Eu acho que... ah...

Entrevistadoras: há um incentivo por parte da escola, dos professores?

Entrevistado: sempre os professores querem que você seja melhor, que você faça o melhor pra... O ensino sempre vai pra no final você fazer o ENEM e passar pra universidade. Vai ser isso. Esse é o objetivo. Então, eu acho que eu me sinto ééé... Capaz de fazer a prova do ENEM e passar, fazer o que eu gosto, não só botar minha nota lá e cair em alguma faculdade lá que, sei lá... Que eu não goste de fazer, porque vou entrar na universidade. (...)

Entrevistadoras: você tem a meta que é passar no ENEM. Você enquanto jovem, já conseguiu idealizar aquilo que você quer a graduação que você quer? Ou você está meio perdido ainda?

Entrevistado: (...) eu quero fazer jornalismo. Porque, sei lá... Eu acho que ficar dentro de casa, num escritório escrevendo, lendo coisas de artigos... E num sei o quê. Eu prefiro tar fazendo jornalismo porque eu vou expressar minha opinião. Vou poder escrever vou poder ta com outros colegas, vou poder publicar... Tipo: ter minha voz na sociedade, de alguma maneira, mesmo que três pessoas da minha família leiam o que eu escrevi, mas é eu tô escrevendo e é a minha mão lá. Tipo... Sendo juiz é aquela coisa monótona. Muito... Sabe? Fugiu muito do que eu me vejo agora.

A fala dele é muito importante para compreendermos a importância que tem o professor. A todo tempo ele fala do incentivo, do estudo e da importância que tudo isso tem para a concretização de sua meta, que é o ingresso em uma universidade pública no curso de jornalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento e concretização da pesquisa, podemos afirmar que conseguimos dialogar a todo tempo com o que experienciamos a partir das leituras e discussões dos textos na vivência da nossa prática. O entrevistado em sua fala, em diversos momentos nos surpreendeu reafirmando a todo o momento a importância que tem o professor, o incentivo, a participação e a amizade para o seu desenvolvimento a construção da sua criticidade.

Apesar de não ser cobrado pelos pais, o jovem aponta a necessidade que ele tem de conciliação entre a escola e emprego para conquista da sua “autonomia”. Para ele, assim como para tantos outros jovens, essa seria a melhor saída devido a condição financeira que possuem. Quanto maior a pobreza, maior a pressão por parte da família para arrumar um emprego cedo e ajudar na manutenção das despesas de casa e da família.

Ademais, ele dá ênfase o seu objetivo que é o de passar no ENEM e cursar jornalismo em uma universidade pública para que ele possa ter voz ativa na comunidade e para que as pessoas possam ter acesso ao que ele venha escrever.

Sendo assim, afirmamos a impossibilidade de generalização dos resultados desse trabalho para além da realidade pesquisada. Fica a sugestão do surgimento de novas pesquisas acerca dessa dimensão tão importante para a educação.

Palavras-chave: Cultura escolar; juventude escolar; juventudes.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvia. **Os métodos na pesquisa em educação: uma análise epistemológica.** In: Pesquisa em Educação: Métodos e epistemologias. Chapecó SC: Argos, 2014, p.25-47.

REIS, Rosimeire. **Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 637-652, jul./set. 2012.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.** Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Editora UFPR.

SOUSA, Jorge Pedro. (2006). **A prática antes da teoria e o foco no objetivo: uma proposta para o ensino universitário de jornalismo.** In: Moreira, Sônia Virgínia; Vieira, João Pedro Dias (Org.). Ensino e Pesquisa em Comunicação. São Paulo/Rio de Janeiro, Intercom/UERJ.

WEISHEIMER, Nilson. **Apontamentos para uma sociologia da juventude.** Revista Cabo-Verdiana de Ciências Sociais Ano 1, Nº 1, Jan- Jun 2013.